

# O professor precisa acompanhar as mudanças

As gerações e suas diferenças sempre me intrigaram, por isso vou fazer algumas considerações históricas. Você conhece a geração TRO? É a troglodita, aquela das cavernas, que lutava com mamutes, com tigres dentes-de-sabre, que vestia peles de animais, escrevia nas pedras e teve os primeiros professores de Arte Naif (arte primitiva moderna). Os trogloditas foram pais da geração A, composta pelos antigos, que construíram as pirâmides do Egito, os jardins suspensos da Babilônia, os templos gregos, as arenas romanas, e que por sua vez foram pais da geração M, dos medievais. Esta durou uns mil anos, edificou igrejas, palácios, inventou a máquina de fazer livros, organizou bibliotecas, escreveu com tinta ouro, fez descobertas astronômicas e globalizou o Oriente Médio com as Cruzadas. Ela deu origem a outra geração M, só que mais evoluída. Seus componentes gostavam de revoltas e longas guerras, grandes navegações, descobertas de continentes. Comerciar era com eles: levavam o nosso tomate para a Europa e traziam ratazanas (escambo ou trapaceza?). Por sua vez, essa geração vai dar origem à C, de Contemporânea, que viu a queda de impérios, reescreveu o Código Civil Romano (escrito pela geração A) e o globalizou para nós, nos legou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que dá às gerações X, Y, Z, Alfa, ou qualquer uma que venha



©AVAVA/PhotoXpress



Dilei Vilela\*

por aí, a liberdade de pensar, agir e dizer o que quiser.

As gerações aqui nomeadas tinham curiosidades, ambições, metas, propósitos e, para alcançar o que queriam, trabalharam por quase mil anos. Tudo isso sem tecnologia, pois os que se atreveram a construir ou desenhar algo sofisticado foram mortos, queimados ou banidos pela fé cega e insana dos medrosos. Agora pergunto: qual a duração dos interesses das gerações Y ou Z? Você não sabe? Nem eu, pois a cada dia o interesse dessas gerações pelo que quer que seja encurta mais.

Cada vez que os vemos pesquisar é um espetáculo de “copia e cola” digno de nota, parece até milagre. Sei que são chamados de *zapping*, ou *geração @*; nasceram na explosão dos bits, tudo informatizado e tecnologicamente entendível. Seus telefones são minicentrais de conexão mundial, tudo imediato; fazem amigos no mundo todo, passam horas em filas para serem os primeiros a comprar ingressos, a assistir a shows, filmes, jogos etc. Os gadgets fazem parte da sua cesta básica, mas visitar alguém, algum parente, está fora de questão: só se for online! O que se resolve por computador está aceito, caso contrário não tem negócio. Para eles, a internet substituiu livros, bibliotecas, materiais didáticos e até mesmo o bom e velho professor. Não têm gosto pela leitura, não fazem conexão com os sonhos - e estes só serão possíveis com dinheiro -, só esperam que aconteçam, não levam a sério compromissos, a colaboração é bem vaga, acham que as oportunidades se encontram em .com e que a vida parece um reality show. São antenados com os problemas ambientais, por isso ganharam o nome de geração verde. E o que eu faço para acompanhá-los?

Antigamente, nos tempos bíblicos, contava-se, a cada 40 anos, uma geração; hoje, estamos contando novas gerações a cada 10 ou 15 anos, pois tudo está mudando muito mais rápido do que poderíamos acompanhar. Por isso, ao falar com meus alunos sobre a emoção sentida por quem foi à Lua, atravessou o Ártico, deparou-se com os enigmas da Ilha de Páscoa e seus moais, viu os desenhos gigantescos nos Andes, leu Sócrates, tão atual, mesmo depois de 2000 anos de escrito, assistiu às adaptações de Shakespeare para o cinema, observou as esculturas de Da Vinci, que parecem falar, a engenhosidade do construtor do cavalo de Troia, disse a eles que é da natureza humana buscar respostas às indagações, mesmo que tolas. Questionei-os sobre seu interesse e permanência disciplinada frente a um novo jogo de videogame, exatamente o contrário do que acontece em sala de aula ou em relação às regras que a sociedade nos impõe e cujo cumprimento exige de todos. Ao terminar de falar, percebi que, para a geração Z, e possivelmente a próxima, que será a Alfa, somente as informações que estiverem nas redes sociais, nos blogs, acessíveis por meio de tablets, smartphones e outros dispositivos da vida é que terão credibilidade e serão copiadas e coladas. E concluí que eu e outros tantos professores somos remanescentes de grandes guerras, de Woodstock, impeachment, golpes militares, e que ainda escrevemos na pedra. Se não me atualizar tecnologicamente, não me inserir nesse novo contexto, serei inserida na geração F, de fóssil. ■

\*Mestre em Comunicação, pedagoga e historiadora

dileivilela@ig.com.br